

## UM EDUCADOR MATEMÁTICO A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA

Adailton Alves da Silva<sup>1</sup>

### ENTREVISTA: Prof. Adailton Alves da Silva



Sou Adailton Alves da Silva, lotado na Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas-FACET, no curso de Licenciatura em Matemática do Câmpus da UNEMAT de Barra do Bugres, atuando no ensino, pesquisa e extensão na área de Educação Matemática. Sou formado em licenciatura em matemática pelo projeto *Parceladas*, na primeira turma do Câmpus da Unemat de Luciara na região do Araguaia. Essa primeira turma foi oferecida no período de 1992 a 1997, um curso de cinco anos de duração. Foi nesse contexto regional e social que obtive uma grande parte da minha formação como educador matemático.

Também sou original de Luciara-MT. Nascido e criado na região do Araguaia e até o ano de 93 desenvolvi todo meu trabalho como educador nessa região, especificamente em

---

<sup>1</sup>FACET - Curso de Matemática; FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural; Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECEM; Mestrado Profissional em Matemática – PROFMAT; Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEM; Unemat - Campus de Barra do Bugres-MTE-mail: [adailtonalves5@uol.com.br](mailto:adailtonalves5@uol.com.br)

Porto Alegre do Norte-MT e Canabrava do Norte-MT. Mas em 93, por questões política e familiar, saí da região e vou pra Goiânia e lá fico um período de seis anos, de 93 a 98. De Goiânia volto e venho direto para Barra do Bugres, onde estou até hoje trabalhando no curso de licenciatura em matemática.

Foi ainda na graduação que tive o meu primeiro contato com a Etnomatemática. Isso originou ainda quando estava fazendo o meu TCC no curso de licenciatura em matemática. Nesse trabalho fiz uma pesquisa sobre a *Takãra*, a casa dos homens do povo tapirapé. Nessa investigação busquei discutir e aprender um pouco sobre a matemática que estava implícita e explícita naquela construção, ou seja, naquele processo da construção da casa tradicional do povo tapirapé. Então, eu diria que a minha inserção na Etnomatemática nasce com a realização dessa pesquisa para meu TCC.

O povo Tapirapé fica na região do Araguaia, nos municípios de Confresa, Santa Terezinha e Porto Alegre do Norte. Quando conheci esse povo, logo tive essa curiosidade de compreender a matemática que estava implícita naquele processo da construção da *Takãra*. Foi a partir dessa curiosidade que desperta em mim a vontade de saber sobre outras matemáticas, ou seja, saber sobre a relação matemática e cultura.

No final de 98, logo depois de finalizar a graduação, fui selecionado para trabalhar na formação de professores xavante na Terra Indígena Pimentel Barbosa (Ribeirão Cascalheira-MT e Canarana-MT) num projeto financiado pelo UNICEF. Posso dizer que essa experiência foi a pedra fundamental das atividades acadêmicas que desenvolvo até hoje na Universidade.

Foi através dessa experiência que entrei pela primeira vez numa aldeia para desenvolver um trabalho na área de Educação Escolar Indígena na perspectiva da Etnomatemática na formação de professores Xavante. Isso aconteceu dia 15 de setembro de 1998. Nessa ocasião, na aldeia Pimentel Barbosa, disparei um primeiro questionamento para os sete professores xavante que participavam da formação continuada: *o que é matemática para vocês?*

Depois de muitas discussões na língua xavante um dos professores me respondeu em português dizendo que *matemática é tudo que está na cultura do nosso povo*. Foi a partir dessa resposta que busquei conduzir todo o meu trabalho naquela ocasião. Hoje, passado mais de vinte anos, essa resposta ainda continua sendo um balizador das minhas atividades acadêmicas.

Passados dois anos nesse trabalho com o povo xavante percebi que poderia aprofundar meus estudos com essa temática. Foi aí que aproveitei essa oportunidade e resolvi fazer o mestrado na UNESP de Rio Claro-SP. No mestrado, de 2004 a 2006, desenvolvi a seguinte pesquisa: “*A organização espacial a’uwẽ-xavante: um olhar qualitativo sobre o espaço*” na área de Educação Matemática, na perspectiva da Etnomatemática. Paralelo à minha formação acadêmica continuei o trabalho de formação com o povo xavante e, já nesse momento, também com o povo tapirapé.

Em 1998, mesmo trabalhando no Unicef, venho para Barra do Bugres e em 1999 faço um teste seletivo e entro no Departamento de Matemática de Barra do Bugres que naquele momento estava sendo fundado o curso de licenciatura em matemática. Iniciei minhas atividades ministrando aulas de geometria plana, geometria analítica, fundamentos da matemática I e II e geometria espacial. Na ocasião da abertura do curso fui indicado para assumir a chefia do Departamento de Matemática. Nessa função atuei de 1999 até 2004, quando tive que pedir demissão para fazer o mestrado.

Em 2006 realizo o concurso na Unemat e fico de 2006 até 2009 cumprindo o período probatório. Em 2010 volto para UNESP de Rio Claro-SP para fazer o doutorado na área de Educação Matemática, dando continuidade no trabalho que já vinha desenvolvendo, ou seja, na Etnomatemática Xavante. Na ocasião pesquisei a seguinte temática: *Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do danhono: por dentro do octógono sociocultural a’uwẽ/xavante* (2010-2013). Nesse trabalho busquei entender a relação da matemática do povo com os seus mitos, ou seja, busquei compreender como que a matemática daquele povo estava ancorada e sistematizada a partir dos seus princípios mitológicos.

Foi essa trajetória na pesquisa em Etnomatemática e na Educação Escolar Indígena, apesar dos desafios, desde 98 acumulando experiências, me possibilitou em 2001 participar do curso de graduação para professores indígenas da Unemat de Barra do Bugres-MT, na época conhecido como Terceiro Grau Indígena. Esse novo desafio foi ganhando corpo à medida que eu ia buscando entender cada uma das 32 etnias que estava inserida nesse processo de formação. E nesse processo de busca de compreensão dessa complexa teia cultural, mais uma vez ancorei nos fundamentos da etnomatemática.

Nesses últimos dezenove anos atuando na formação de professores indígenas da Unemat, inicialmente como professor auxiliar, depois coordenador pedagógico e ultimamente como diretor da Faculdade Indígena Intercultural, FAINDI, tem me proporcionado uma grande aprendizagem, tanto acadêmica, mas principalmente no que diz

respeito ao ser humano. Foi a partir dessa experiência partilhada com essas 32 etnias que pude perceber a complexidade da formação de professores, assim como também o quanto essa visão única de matemática tem contribuído para a negação de outras matemáticas.

Então, posso dizer que sou muito grato por ter percorrido esse caminho, pois nesse processo cada situação oriunda da minha atuação com cada um desses povos me proporcionou uma nova aprendizagem e é a partir dessa “mola propulsora de aprendizagem” que vou também compreendendo o que foi dito ainda lá no início da minha inserção nessa área: “*matemática é tudo o que está na cultura do nosso povo*”.

Ainda na busca de compreender o “corpo teórico” da Etnomatemática, essa resposta dos professores xavante também tem sido o balizador para as pesquisas que venho orientando na graduação, iniciação científica e nos mestrados.

Hoje, olhando para a minha trajetória, posso dizer que ela foi construída a partir de grandes desafios. Acredito que o primeiro deles foi quando em 98 me deparei pela primeira vez, debaixo de um pé de manga, com um grupo de sete professores xavante que pouco sabia falar português, e eu tinha que ministrar um curso de formação de professores na área de matemática. Atualmente o meu maior desafio, agora como diretor da FAINDI e coordenador de mestrado, é conduzir o mestrado profissional *Ensino em Contexto Indígena Intercultural*, específico para professores indígenas. Posso dizer que esse é mais um desafio que me faz desconstruir algumas coisas já construídas e construir coisas novas.

Então, posso dizer ainda que foi a partir dessa dinâmica do desconstruir para construir que fui conhecendo a Etnomatemática e hoje é quase impossível sair dessa vertente, tanto no ensino como na pesquisa. Ou seja, posso dizer que todos nossos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão estão fortemente ancorados na Etnomatemática.

Hoje, depois de ter percorrido esse percurso, acredito que a Etnomatemática é uma tendência da Educação Matemática que nos possibilita pensar o ensino, a aprendizagem e a formação professores de matemática a partir de um olhar mais holístico e mais humano e é isso que tenho buscado discutir/refletir e praticar com meus alunos, orientandos e colegas de grupo de pesquisa para aprender fazer tudo isso junto.

Barra do Bugres, 30 de junho de 2019.